

Acervos dos Campos: novo manancial de pesquisa na UFC.

Mestrando Terezinha Alves¹ (UFC)

Resumo:

*O Arquivo-Museu do Escritor Cearense da Universidade Federal do Ceará - UFC. Inicialmente, compõe-se de dois acervos: o do contista José Maria Moreira Campos (1914-1994) e da romancista Natércia Campos (1938-2004), ambos, expoentes da literatura cearense. O estudo que apresentaremos é decorrência da experiência nesse Arquivo e da análise que estamos desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Literatura Brasileira da UFC. O presente trabalho objetiva expor a organização inicial dos acervos e o prelúdio de nossa pesquisa, a qual se utiliza do embasamento teórico da Crítica Genética. Para tanto, apresentaremos, através de uma súmula, o percurso criativo de Moreira Campos no conjunto de manuscritos gêneses do livro *Dizem que os cães vêem coisas*.*

Palavras-chave: literatura cearense, arquivo, manuscritos, Crítica Genética e preservação da memória.

Introdução

A singularidade de um acervo pessoal reside na peculiaridade de sua origem, por se tratar de testemunhos constituintes de especificidades vivenciadas por uma pessoa ou por uma instituição. O conjunto de documentos, presente em acervos/fundos de Arquivo-Museu, caracteriza-se por ser “um universo arqueológico a identificar, balizar, ordenar, descrever e analisar de modo a possibilitar a preservação de sua organicidade, de sua integridade física, e a disseminação de informações extraídas de seus elementos, colocando-as em condição de apreensão e uso pleno”. (BOLLOTTO, 2004. p.13).

O Arquivo-Museu do Escritor Cearense, novo órgão em gestação a ser vinculado à Casa de José de Alencar, da Universidade Federal do Ceará - UFC, distinguir-se-á como um espaço para reunir, organizar, preservar, explorar e divulgar acervos particulares de escritores, estudiosos, intelectuais e artistas populares do estado do Ceará.

Incluem-se aí romancistas, poetas, críticos, historiadores e ensaístas que tenham conservado seus manuscritos, correspondência, obras publicadas, em muitos casos textos preparados para reedições, coleções particulares de livros freqüentemente enriquecidos por anotações. E também objetos relacionados com suas atividades e outros tantos de interesse biográfico. A formação e progressivo enriquecimento desse patrimônio será o resultado de doações espontâneas ou solicitadas e de aquisições oficiais. (CAVALCANTE, 2007).

A Universidade Federal do Ceará já conta com dois acervos: o de José Maria Moreira Campos e o de Natércia Campos. O contista, cronista e poeta Moreira Campos nasceu na cidade de Senador Pompeu – Ce, em 1914, e faleceu na capital cearense, em 1994. Membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense de Língua Portuguesa e integrante do Grupo Literário da Revista CLÃ, o qual começou a projetar-se concomitantemente à Geração de 45 do Modernismo brasileiro. Formado em Direito e Letras Neolatinas, foi professor titular da Universidade Federal do Ceará e, posteriormente, professor emérito e Pró-Reitor de Graduação da mesma universidade. José Maria Moreira Campos é um dos contistas cearenses mais citados, inclusive constando nos livros de Histórias da Literatura Brasileira. A romancista, contista, cronista e poetisa Natércia Campos nasceu na cidade de Fortaleza, em 1938, e faleceu na mesma cidade, em 2004, filha de José Maria Mo-

reira Campos e Maria José Alcides Campos, foi membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Fortalezaense de Letras e da Sociedade Amigas do Livro, funcionária da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e tecelã. Projetou-se nacionalmente com o livro de contos *Iluminuras*, Prêmio Bial Nestlé de Literatura, em 1998, e com o romance *A Casa*, Prêmio Osmundo Pontes, em 1998.

Os acervos dos Campos se encontram sob a curadoria da professora Maria Neuma Barreto Cavalcante e foram cedidos, em regime de comodato, à Universidade Federal do Ceará pelos herdeiros da Família Campos, em 02 de outubro de 2007. A cessão desses testemunhos afiança à “Instituição acadêmica o direito de divulgação dos documentos e assegura aos doadores os direitos autorais, a preservação e organização dos documentos cedidos e os torna acessíveis aos pesquisadores e estudiosos interessados nas áreas contempladas pelos acervos”. (CAVALCANTE, 2007).

O conjunto dos testemunhos desses dois fundos é formado por manuscritos (textos em diversas fases de elaboração), obras publicadas, correspondências (ativa, passiva e de terceiros), biblioteca particular, recortes de periódicos (de e sobre os Campos e suas obras), fotografias (dos titulares, de amigos e familiares), documentações e objetos pessoais. Ressaltamos que os fundos compreendem um período que vai do nascimento dos escritores até suas mortes. Embora o de Moreira Campos ultrapasse esse período, pois, sua esposa, dona Maria José (dona Zezé), organizou alguns álbuns onde podemos acompanhar, além da trajetória literária e profissional do contista cearense, todos os testemunhos pós-morte sobre o literato.

Esses álbuns, bem como aqueles organizados ainda em vida do escritor, formam verdadeiros dossiês das obras e da existência de Moreira Campos. Neles estão afixados vários tipos de documentação, como por exemplo, fotografias, correspondências, manuscritos de contos e crônicas, pronunciamentos do contista e sobre ele (em momentos diversos), recortes de jornais (de e sobre ele), resenhas críticas realizadas pelo autor, sobre vários temas, e por terceiros sobre sua obra. Há um álbum para cada livro publicado e treze álbuns com documentação variada, mas todos apresentam uma cronologia, que lhes confere uma organicidade. Estão os treze álbuns assim divididos: dez volumes, de cor bege, sob o título *O que dizem dele – Moreira Campos*. Organizado por Zezé, com numeração de 01 a 10, em dourado; um, de cor bege, com título *O que dizem a ele*, com data de 1997 e numeração 11, em dourado; e dois, de cor marrom, sem título, com numeração 02 em um dos volumes e sem numeração no outro.

Uma das possibilidades de trabalho com o material descrito acima é o desenvolvido pela Teoria da Crítica Genética, que investiga o processo criativo do escritor a partir de seus manuscritos, ou seja, “analisa o documento autógrafo, [...], para compreender, no próprio movimento da escritura, os mecanismos da produção, elucidar os caminhos seguidos pelo escritor e entender o processo que presidiu o nascimento da obra”. (ALMEIDA SALLES, 1992. p. 12). É uma disciplina que tem como objeto o manuscrito literário, e como objetivo levantar hipóteses sobre o processo de criação do escritor, a partir das marcas deixadas por ele no caminho da sua escritura.

Como decorrência da experiência adquirida – ou melhor, que estamos adquirindo – no trato com documentos literários, há quase quatro anos, organizando e indexando o espólio de Moreira Campos, elaboramos, para ingresso no Mestrado em Literatura da UFC, o projeto de pesquisa - A gestação de *Dizem que os cães vêem coisas*: o transitar dos manuscritos, que participa do projeto maior - Arquivo de Escritores: Organização, preservação, exploração e divulgação - coordenado pela Professora Dra. Maria Neuma Barreto Cavalcante. Nossa proposta para essa comunicação visa analisar, tomando como base os pressupostos da Teoria da Crítica Genética, o conjunto de manuscritos relativo a gêneses de três contos desse livro, seguindo a estrutura organizacional da 2ª edição: 1993, por se tratar da última publicação em vida do autor. A obra consta de uma coletânea de vinte e oito contos pinçados, em sua maioria, de cinco obras já publicadas: *Vidas Marginais*; *Portas fechadas*; *O puxador de terço*; *Os doze parafusos* e *A grande mosca no copo de leite*. Esses contos foram selecionados, revisados e predestinados pelo autor para serem seu *legado à literatura*. Declara Moreira Campos que:

Esta segunda edição vai com algumas alterações. Inclui três contos da minha primeira fase (narrativas mais longas), a saber: *Lama e Folhas*, *Vigília* e *O Preso*. Também acrescentei um conto ainda inédito em livro, *A Gota Delirante*. Fiz outras modificações em algumas histórias da primeira edição, de modo a dar-lhes maior coerência. (CAMPOS, 1993. p.11).

Sobre esse livro, em resenha crítica, cometa Linhares Filho que:

Na seleção em causa, encontram-se alguns dos melhores contos de toda a obra de Moreira Campos pela mestria estilística, a síntese sugestiva, a apreensão do inelutável da dor humana, pela tradução do abissal da nossa psique, pela pintura do estranho de situações, do trágico de ocorrências ou pela construção da tensão fantástica. (FILHO, 1987).

O estilo desse expoente da literatura cearense transita pelos postulados do impressionismo, do neo-realismo e neo-naturalismo. A matéria-prima de seus contos, na opinião de Sânzio de Azevedo,

está na vida: nos sonhos, nos desenganos, nas frustrações, nas taras, nas ambições, na existência, enfim, de figuras densas de lirismos ou de tragédia, vale dizer, densas de vida. Mas só poderá fazer dessa humanidade e desses episódios páginas de arte um escritor que, além da técnica apurada e do domínio pleno dos signos, é um artista por vocação, como Moreira Campos, que foi seguramente um dos maiores contistas do Ceará e do Brasil. (CAMPOS, 1996. p.26/27).

O nosso estudo tenciona analisar os manuscritos e edições da obra citada, assim como a documentação para-textual (cartas, entrevistas com os familiares e amigos etc.). Nossa análise transitará por três momentos - quatro fases genéticas, Genética Textual ou Edótica e Crítica Genética - do estudo genético normatizados por Pierre-Marc de Biasi. No primeiro momento, percorreremos as quatro fases genéticas: a pré-redacional, que antecede ao início da escritura e é subdividida em pré-inicial, “apenas exploratória, com o recuo que permite saber que o autor não dará imediatamente seqüência a seu projeto”. (BIASI, 1997. p.10), e “inicial”, que

se distingue verdadeiramente da redacional, que ela tem como finalidade preparar e programar. Os tipos de manuscritos que se relacionam com esse trabalho são da mesma natureza que os das fases pré-iniciais; listas de palavras, indicações de organização; títulos; planos ou planos desenvolvidos em forma de roteiros; notas de pesquisa, documentação exploratória, reunida para abastecer a futura redação, e muitas vezes também para sonhar, para alimentar esse devaneio programador, que é a invenção do plano, do esboço da obra. (BIASI, 1997. p.12).

Em seguida passaremos à fase redacional, que:

é o próprio cerne da gênese: o que se chama indistintamente de os ‘rascunhos’ da obra, mas que, em realidade, reagrupam diversas categorias de manuscritos [...]. O trabalho que vai dos primeiros elementos do roteiro ao manuscrito definitivo da obra geralmente não se realiza num único movimento. Há várias etapas, e uma mesma página, em romancistas como Balzac ou Flaubert, é habitualmente reescrita entre cinco e dez vezes, antes de atingir o estado em que o autor considera seu texto satisfatório. Em certos casos de redações particularmente difíceis, [...], por exemplo, podem-se encontrar doze, quinze e até vinte versões sucessivas da mesma passagem. (BIASI, 1997. p.13/14).

Depois adentraremos a fase pré-editorial, na qual o texto “entra numa etapa de finalização de outro tipo. Vai-se deixar progressivamente o espaço do manuscrito, no qual tudo é possível, para ingressar numa nova dimensão em que a interpretação do autor vai tornar-se [...] cada vez mais específica”. (BIASI, 1997. p.16). Enfim, chegaremos à última fase desse primeiro momento, a editorial, que é a do livro publicado. “A obra poderá, enquanto o autor é vivo, conhecer várias edições, por ocasião das quais o escritor terá o direito, em novos jogos de provas corrigidas, de transformar seu

texto”. (BIASI, 1997. p.19).

No segundo momento, utilizaremos a metodologia da Genética Textual ou Edótica, que reconstitui cronologicamente a gênese material da obra, a sua decifração e transcrição, ou seja, cabe à Genética Textual pôr “em ordem e tornar legível o material ‘manuscritológico’, em que a crítica genética poderá basear seu estudo interpretativo”. (BIASI, 1997. p.20). Em seguida, faremos uso da Crítica Genética. Nesse momento teórico proposto por Biasi, estuda-se a gênese da obra, “o desnudamento do corpo e do percurso da escritura, em harmonia com a construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais”, conforme afirmativa de Grésillon. (apud: GURGEL, 1997, p.75). Finalmente, realizaremos cotejo entre edições publicadas para restabelecer o texto crítico.

Com base nessa fundamentação teórica, nossa primeira tarefa será a organização do dossiê genético dos contos selecionados. Reuniremos os documentos textuais da obra (rascunhos, esboços, publicações em livros e em periódicos) e os documentos para-textuais (cartas, entrevistas concedidas pelos autores e aquelas a serem realizadas por nós com seus parentes e amigos). Para a composição desse dossiê, impõe-se que os fundos de Moreira Campos, série manuscritos, sub-série manuscritos de contos, seja percorrido em sua plenitude, pois, os documentos, aí presentes, não estão, ainda, totalmente organizados por temas e classificados.

Os passos seguintes serão: descrição de cada versão (suporte, instrumento de escrita, condições físicas); cotejamento das versões de cada conto da obra em estudo, suas diversas fases de elaboração, inclusive as edições revisadas pelo autor; indicação das variantes entre as versões cotejadas; análise dessas variantes para verificar os procedimentos utilizados por Moreira Campos, em seu fazer literário; e, finalmente, formulação de hipóteses sobre o processo de criação, a partir das marcas deixadas pelo literato.

Para uma melhor compreensão desse nosso trabalho, apresentaremos a seguir uma pequena amostra do nosso objeto de estudo. Utilizaremos um trecho do conto *A carta* (inicialmente, publicado no livro *Os doze parafusos* e, posteriormente, no *Dizem que os cães vêem coisas*). Na formação do dossiê desse conto, reunimos, até o presente, seis versões nos seguintes suportes:

Suporte 01: primeiro manuscrito, duas folhas de papel sulfite amareladas pelo tempo, com dimensões de 31.04x21, 05^{cm}, apresenta perfurações de grampos e de ferragens para colecionador, com numeração 02, somente na primeira folha, autógrafa, à máquina de escrever, à direita e ao alto, consta ainda uma numeração realizada pela equipe de pesquisa do Acervo, à grafite: 1 e 2; acondicionado numa pasta tipo colecionador, verde claro, apresenta perfurações e a palavra “Cópia”, autógrafa, à grafite, sem data; narrativa construída em duas páginas, mancha de texto 27,05x16,2^{cm}, com quarenta e quatro linhas datiloscritas (cópia carbonada), apresenta interferências (supressões e acréscimos), escritas à tinta azul.

Suporte 02: segundo manuscrito, três folhas de papel sulfite amareladas pelo tempo, com dimensões de 31.05x21.03^{cm}, de numeração 14 e 15, à máquina de escrever, nas duas últimas páginas, canto direito superior, consta ainda, neste mesmo local, numeração realizada pela equipe de pesquisa do Acervo, à grafite, do número 25 ao 29; acondicionado num volume grampeado, colado, com capa de papel tipo cartolina duas faces, na cor branca, medindo 31,05x21.03^{cm}, nome do autor, canto direito superior, apresenta, ao centro, uma ilustração, figura feminina sentada, com pernas cruzadas, folheando um volume, apoiado nas coxas, realizada por Badida, à tinta preta, tem ainda, sob essa ilustração, dois títulos: *As Estórias*, à tinta preta, e *Os doze parafusos*, manuscrito autógrafa, à tinta azul, logo em seguida, canto direito inferior, há o vocábulo “Contos”, à tinta preta, sem data; narrativa tecida em três páginas, mancha de texto 24.08x15.02^{cm}, com quarenta linhas datiloscritas (cópia carbonada), sem interferências.

Suporte 03: primeira publicação, *Os doze parafusos*. 1ª. edição. São Paulo: Cultrix, 1978 (volume constante no Acervo do escritor); ocupa duas folhas de papel sulfite amareladas pelo tempo, com as dimensões de 19,03x13,00^{cm}, numeração de 13 a 15, canto esquerdo inferior, para os núme-

ros pares, e canto direito inferior, para os ímpares; narrativa tecida em três páginas, mancha de texto 16,09x10,09^{cm}, com trinta e sete linhas.

Suporte 04: segunda publicação, *Dizem que os cães vêem coisas*. 1ª edição. Fortaleza: edições UFC, 1987, (volume não constante no Acervo do escritor), primeiro conto desse impresso; ocupa um folha de papel sulfito amarelada pelo tempo, com as dimensões de 33,05x23,08^{cm}, apresenta somente o número 11, canto direito inferior; narrativa tecida em duas páginas, mancha de texto 25,09x12,07^{cm}, com cinquenta e seis linhas, na primeira página, tem o título, em negrito, tamanho 20, na cor cinza claro, canto direito superior, e o início da narrativa, na décima nona linha, há miniaturas, circundando a primeira letra do primeiro parágrafo, vazadas, na cor preta, num quadrado medindo 1,07x1,07^{cm}.

Suporte 05: terceiro manuscrito, em duas folhas de papel sulfito amareladas pelo tempo, com as dimensões de 29,04x19,02^{cm}, numeração 27 e 28, autógrafas, à grafite, canto inferior e ao centro, apresenta perfurações de grampos e de ferragens para colecionador e para encadernação; acondicionado em uma pasta tipo colecionador, na cor verde, plastificada, tem na capa as seguintes transcrições: Moreira Campos/*Dizem que os cães vêem coisas*/ (Contos)/ X/ a/ 2a. edição {ampliada} – 1993/ (Anexo ao Proc. {Secult} nº 1759/93), o vocábulo “ampliado” está manuscrito à grafite, já “Anexo” e “93” está manuscrito à tinta preta, os outros itens estão à máquina de datilografia, quinto conto dessa organização; narrativa tecida em duas páginas, mancha de texto 25,09x12,07^{cm}, com cinquenta e seis linhas, fotocópia do livro *Dizem que os cães vêem coisas*. 1ª edição. Fortaleza: edições UFC, 1987, sem interferências,

Suporte 06: terceira publicação, *Dizem que os cães vêem coisas*, 2ª edição. São Paulo: editora Maltese, 1993, (volume não constante no Acervo do escritor), quinto conto desse impresso; ocupa duas folhas de papel sulfito amareladas pelo tempo, com dimensões de 21,01x13,09^{cm}, numeração 52 e 53, canto direito inferior, para o número par, e canto esquerdo inferior, para o número ímpar, o título e o início do conto estão em uma página sem número; narrativa tecida em três páginas, mancha de texto 16,05x10,01^{cm}, com trinta e sete linhas,

Examinando a seqüência dos seis estágios escriturais presentes nesses suportes, poderemos visualizar uma amostragem do fazer literário de Moreira Campos, tomando como exemplo o título do conto e a primeira linha do primeiro parágrafo:

Ms. 1: “A carta ou miniconto” [ou miniconto = rasurado com tinta azul].

“Duas vezes por mês ele vem à Capital para prestar contas das obras da empresa.”

Ms. 2: “A carta”

“Agora ele está vindo à Capital duas vezes por mês para prestar contas das obras da empresa.”

Ed. 1: “A carta”

“Ele está vindo à Capital duas vezes por mês para prestar contas das obras da empresa.”

Ed. 2: “A carta”

“Ele está vindo à Capital duas vezes por mês para prestar contas das obras da empresa.”

Ms.3: “A carta”

“Ele está vindo à Capital duas vezes por mês para prestar contas das obras da empresa.”

Ed. 3: “A carta”

“Ele está vindo à Capital duas vezes por mês para prestar contas das obras da empresa.”.

O cotejamento desses textos nos sugere as seguintes hipóteses: entre os fragmentos dos Ms. 1 e 2, além de ter optado por um dos títulos, Moreira Campos efetuou mudanças sintáticas: “Duas vezes por mês ele vem à Capital” por “Agora ele está vindo à Capital duas vezes por mês”; substituiu a flexão verbal “vem” pela locução verbal “está vindo”; e acrescentou o advérbio “Agora”. Na Ed. 1, o autor suprimiu o advérbio “Agora”. Os três suportes subsequentes mantêm-se iguais à Ed.1. Observamos que as alterações sintáticas e morfológicas, ocorridas, modificaram a semântica, tornando o texto mais aberto: ao mesmo tempo em que o enxuga, amplia o espaço do leitor atento.

Conclusão

Através de análise como a realizada acima é que podemos ter uma “visão do objeto literário, no momento mesmo em que ele vai adquirindo caráter estético, vai-se modificando, até ser declarado Belo pelo seu criador”. (GURGEL, 1997, p.125). Rachel de Queiroz é uma das escritoras que melhor nos relatou, através de sua literariedade, esse labor, quando comentou que:

Como o grande cantor tem voz, como o grande pintor pinta, assim o mestre escreve. Por dom vindo lá de cima, por iluminação espontânea, porque nasceu podendo. Mas a par disso, a par dessa vocação de nascimento, quanto trabalho, quanta ourivesaria, quanto lapidar, transpor, alterar, substituir, riscar, ficar longamente com aquela palavra na ponta dos dedos - e a palavra não cabe no engaste e terá que ser substituída - ou alterada, ou reinventada; se lhe alterando o sentido primitivo, dando-lhe emprego novo e inesperado, quem sabe? (CAMPOS, 1993, p. 7).

Portanto, intencionamos com esse estudo colaborar para a preservação da memória do escritor cearense, dos manuscritos literários e, ainda, contribuir para despertar o interesse pela preservação dos Acervos privados e pela pesquisa em fontes primárias em nosso Estado, a partir da análise de documentos que precedem à obra em fase considerada final.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA SALLES, Cecília. *Crítica Genética, uma introdução*. São Paulo: Educ, 1992.
- BELLOTTTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 2ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2004.
- BIASI, Pierre-Marc. “A crítica genética”. In: Vários autores. *Métodos Críticos para a análise literária*. Trad. Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CAMPOS, Moreira. *Os doze parafusos*. 1ª. edição. São Paulo: Cultrix, 1978.
- _____. *Dizem que os cães vêem coisas*. 1ª edição. Fortaleza: edições UFC, 1987.
- _____. *Dizem que os cães vêem coisas*. 2ª edição. São Paulo: Maltese, 1993.
- _____. *Obra Completa: conto I*. Org. de Natércia Campos. São Paulo: Maltese, 1996.
- CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto. “Acervos Culturais” (discurso na cessão dos Acervos), 2007.
- FILHO, Linhares. Resenha crítica sobre a 1ª edição do livro *Dizem que os cães vêem coisas*. In. Fundo Moreira Campos, série álbum, s/n, 1986 a 1993.
- GURGEL, Italo. *Uma leitura íntima de Dôra, Doralina: a lição dos manuscritos*. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1997. (Coleção Alagadiço Novo, 108).

Autora

¹ Terezinha Alves Melo, mestranda orientada pela docente Maria Neuma Barreto Cavalcante.
Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC).
Departamento de Literatura – Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Literatura Brasileira
E-mail: talves.58@oi.com.br